

Leviatã

A verdade também é a sua busca:
Como a felicidade, e não permanecerá.

Mesmo o verso começa a corroer
No ácido. Busca, busca;

O vento se move um pouco,
Movendo-se num círculo, muito frio.

Como podemos dizer?
Em linguagem comum —

Devemos falar agora. Já não estou certo das palavras,
A máquina do mundo. O que é inexplicável

É a “preponderância dos objetos”. O céu se ilumina
Diariamente com tal predominância

E nós nos tornamos o presente.

Devemos falar agora. Medo
É medo. Mas nós abandonamos uns aos outros.

George Oppen
[trad. Cide Piquet]

«Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso
saber que cada um de nós que está aqui é diferente do
outro, como constelações.» Ailton Krenak, *Ideias para
adiar o fim do mundo* (Cia. das Letras, 2019).

Instalação

Gosta sempre de representar;
mas é como um bonde:
tem os seus trilhos e não há
jeito de se afastar deles.

Joan Brossa
[trad. Ronald Polito]

fluxos fluxos fluxos

O **Algaravia! poesia na Mário e nos bairros** de agosto será nos dias 13 e 14, homenageando o algaravista Waly Salomão. Estarão lá, lendo poemas dele e seus próprios, Ademir Assunção, Júlia de Carvalho Hansen e Reuben, com a participação do músico Fernando Santos. | O **Vozes Versos** de agosto será no sábado 24, sempre às 11h, na Tapera Taperá e com plaquete da martelo, recebendo Ana Elisa Ribeiro, Demétrio Panarotto e Marcelo Lotufo.

«Não é de causar estranheza que o público da poesia seja diminuto. Essa circunstância leva ao desespero muitos poetas que leem apenas seus próprios poemas. Mais interessante do que essa falta de demanda é o tamanho inalterável desse público restrito: o número de leitores que pegam um novo e relativamente difícil volume de poesias pode ser empiricamente determinado quase com precisão: é de aproximadamente 1354. Esse número (**a constante de Enzensberger**) não só independe de modismos, de publicidade, do “espírito da época”, mas também – e aqui a coisa se torna misteriosa – é universal e se aplica a qualquer comunidade linguística, não importa se ela ocupa todo um continente ou apenas um pequeno território na superfície terrestre. Na Islândia (250 mil habitantes), um bom poeta pode contar com tantos leitores como nos Estados Unidos (250 milhões). Essa regra singular vale para todos, estonianos e italianos, búlgaros e franceses, alemães e bascos (só não vale para os russos, uma exceção que não consigo esclarecer aqui). Portanto, para onde quer que se olhe, os leitores de poemas são, ontem como hoje, uma minoria – pequena e radical, mas estável.» Hans Magnus Enzensberger, “Notícias do fazer poético”, *Ziguezague: ensaios* (trad. Marcos José da Cunha, Imago, 2003)

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por
Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | periodicidade temperamental | tiragem improvável
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado

FLUXOS

edição doze | julho de 2019



Neide Sá
[cubo “Transparência”, objeto, 1968]

Os meus amigos não envelheceram

Não
Tornaram-se elegantes
Mesmo os que se ordenaram monges
Baixaram já das montanhas
De suas recusas orantes
Iniciam-se nas danças do momento
Refinaram caminhar os meus amigos
Sobre a esteira de brasa
Em meio às moscas de estábulo
Acenam
Pedem a carta de vinhos
Aos fins-de-semana somem-se
Aos dedos do mundo
Nestes pequenos passamentos
De fim-de-semana

Meus amigos não envelheceram
É muito pior
Os que ainda não se atiraram da janela
Prosperaram
Tornaram-se elegantes

Ismar Tirelli Neto

«Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.» Lima Barreto, *Diário do hospício*, 1920

Prémio

Em 72 recebi
o prémio literário
dos pensos rápidos Band-Aid
o prémio foi uma bicicleta
às vezes penso
que me deram uma bicicleta
para eu cair
e ter de comprar pensos
rápidos
Band-Aid
é o que penso dos prémios literários
em geral

Adília Lopes

miózim

e quem não é quebrado, meu bem?
a asa mezzo bamba a pata
estropiada costas consumidas
em tamanha carga

quem não saiu meio torto da forminha
arestas inchadas ou mínimas
faltando um pedaço
ou uma graça

quem não olhou o próprio reflexo
e pensou pedir aos céus
uma nova página

deus nenhum caminha entre nós, meu bem
então vem
: coloca nas minhas as suas
mãos quebradas

Jeanne Callegari

Dito e escrito

E o espantoso é isto:
que o horror dá seus golpes
e em breve — dias, meses —
amortece, muda
de ser fato brutal, em papo, em assunto
de conversa.

Horrível, horrível é isto.
sentado numa poltrona, alguém escreve
— é, já escreve, já lê —
e ao redor se fala
se comenta, se diz
e mesmo o puro espanto
da crueldade selvagem
é um assunto: palavras
palavras
falas
frases.

Circe Maia

[trad. Josep Domènech Ponsatí]

Busca

Um poema que não seja sobre a poesia
Um poema que não seja mera denúncia
do que não é nenhuma novidade
pra quem vive massacrado pela barbárie
Um poema que não seja sobre o que não vivo
e que outras pessoas de peles dilaceradas
podem dizer melhor e mais fundo
Um poema que não seja uma credencial
pra entrar nessas rodas de gente consciente do centro
que comunga das mesmas opiniões
e vomita indignações em versos
que – como toda bolha – se dissipam
antes de dormirmos bêbados de puro malte
Um poema que não seja puro esmalte
nem trocadilhos e jogos de palavras vazios
Um poema que não pretenda sensibilizar
quem nunca vai mudar de ideia
porque lucra com as feridas que o poema escancara
Um poema que não seja uma provocação fajuta
versos que não sejam dedos apontados nas caras
condenando modos de vida
ou dedos apontados pra terra pregando desapego
como se todo mundo pudesse escolher quanto trabalha
Um poema que não exploda uma meritocracia
e erga outra com técnicas de bioconstrução
Um poema que não seja um mosaico de palavras de ordem
de conceitos desse idioma que poucos falam
Um poema que não seja nada disso
de quase tudo que escrevi até hoje
daqui dos meus privilégios
Um poema que não seja sobre a poesia
como esse

Lucas Bronzatto

Na caminhada

– Do Lênin, eu não li tudo. Porque, afinal de contas,
ele também não escreveu tudo.

Wisława Szymborska

[trad. Eneida Favre e Piotr Kilanowski]